



Coordenação de Armindo Rodrigues

Caminhar sobre as águas

Autora:

Verónica Neves

veronica.rc.neves@uac.pt

Imaginem que têm na mão um iPhone 7. Leve, não é? Tão leve que é difícil imaginar que a massa desse objecto corresponde sensivelmente ao peso de uma família de painho-de-Monteiro, dois adultos e uma cria voadora. O painho-de-Monteiro é a mais pequena ave marinha dos Açores, pesando apenas entre 35 e 60 g; mas nem por isso está à mercê do vento. O seu nome latino *Hydrobates monteiroi* tem origem no grego antigo e junta as palavras “hydro” – água - e “batis” – indivíduo que caminha, remetendo para a forma como esta ave parece caminhar sobre as águas quando se alimenta. O nome da espécie é ainda uma justa homenagem ao investigador que dedicou a sua vida à proteção do ambiente e ao estudo das aves marinhas dos Açores, Luís da Rocha Monteiro (1962-1999). Celebra-se este ano uma década desde que o painho-de-Monteiro foi oficialmente descrito como uma nova espécie endémica dos Açores. Várias foram as diferenças que levaram à distinção em relação ao seu congénere painho-da-Madeira (*Hydrobates castro*), incluindo, entre outras, as vocalizações, a morfometria, a genética e a altura do ano em que se reproduzem. Partilham o espaço (utilizam muitas vezes os mesmos ninhos), mas não o tempo; o painho-de-Monteiro reproduz-se no Verão e o painho-da-Madeira no Inverno.

A nidificação desta espécie endémica está comprovada apenas numa das nove ilhas dos Açores, a pequena e singular Graciosa. O painho-de-Monteiro não só apresenta uma distribuição muito restrita, como possui também uma

população reprodutora muito pequena, estimada em cerca de 300 casais, estando por isso classificado como “vulnerável – globalmente ameaçada” na lista vermelha da IUCN. Neste artigo divulgam-se alguns dos resultados recentes de pesquisas realizadas no ilhéu da Praia, a maior colónia de painho-de-Monteiro do mundo e uma autêntica biblioteca animada de biodiversidade.

O reduzido tamanho da sua população reprodutora, suscita desafios que podem resultar num *genetic bottleneck* com consequências na diversidade, consanguinidade e estratégia de selecção de parceiro. Para investigar esta problemática, realizou-se um estudo genético com 18 marcadores microsatélites. Foram detectados apenas dois casos de paternidade extra-casal (2.8%), confirmando a elevada taxa de monogamia neste grupo. Verificou-se que os casais que num dado ano não tiveram sucesso reprodutor, apresentaram maior probabilidade de se divorciar no ano seguinte. O estudo indicou que mesmo numa população de tamanho muito reduzido, é possível manter a diversidade genética e que a consanguinidade não ocorre necessariamente, boas notícias para o nosso painho-de-Monteiro.

Um outro estudo recente mostrou uma segregação nos locais de forrageio de machos e fêmeas. As fêmeas, tirando provavelmente partido das suas asas mais longas, procuraram alimento a maior distância da colónia, em áreas de regimes mais frios e mais ventosos do que os explorados pelos machos, que se alimentaram predominantemente



Paíngo-de-Monteiro (cria)



Paíngo-de-Monteiro (adulto)

Coordenação de Armindo Rodrigues



Ilhéu da Praia (Ilha Graciosa)

te em águas mais profundas e mais próximas da colónia. Ainda assim, tanto machos como fêmeas alimentam-se regularmente a centenas de quilómetros, podendo atingir uma distância máxima de 900 km da colónia. As fêmeas de painho-de-Monteiro possuem asas ligeiramente mais longas (cerca de 5mm) do que as dos machos. É sabido que aves com asas mais longas conseguem utilizar os ventos de forma mais eficiente e assim percorrer distâncias mais vastas.

Em anos mais recentes a lagartixa-da-Madeira (*Teira dugesii*) foi observada a predação de crias de painho no ilhéu da Praia. A lagartixa-da-Madeira é o único réptil terrestre que ocorre nos Açores, mas não é nativa das nossas ilhas. Terá sido introduzida acidentalmente, através do comércio marítimo com a Madeira, há cerca de 200 anos.

Naturalizou-se em todas as nove ilhas, bem como nos

ilhéus, embora permaneça escassa no grupo ocidental. A recente observação da predação da lagartixa é preocupante e deve ser monitorizada anualmente por forma a avaliar o seu impacto e a necessidade de implementar medidas de conservação.

Em 2018 os trabalhos de investigação vão continuar no ilhéu da Praia, não só para estudar as interacções tróficas entre lagartixas e painhos, mas também para estudar em maior detalhe a distribuição no mar destas aves ao longo de todo o ano, com vista a contribuir para a definição de áreas marinhas protegidas. Afinal, ainda há muito para descobrir sobre esta espécie fascinante e única.

Prova de águas abertas painho-de-Monteiro

Para celebrar o 10º aniversário do painho-de-Monteiro realizar-se-á uma prova de águas abertas entre o areal da vila da Praia e o ilhéu. Esta prova realiza-se no dia 21 de Julho de 2018 e é uma organização conjunta do Parque

Natural da Graciosa, da Delegação Regional de Desporto, da Associação Agraprome e outras entidades da ilha. O canal entre o ilhéu e a vila da Praia oferece condições excepcionais para quem se está a iniciar nas águas abert

tas, pois as profundidades são reduzidas e o nadador vai constantemente em contacto visual com o fundo e a desfrutar da belíssima paisagem. Um primeiro passo para quem sonha em aventurar-se em distâncias mais longas!